



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

***Nuvem de Calças: apresentação
e tradução anotada da segunda
parte do poema***

***Cloud in trousers: a translation of
the second parte of the poem,
introduced and annotated***

Autor: Vladímir V Maiakóvski

Tradutor: Letícia Mei

Edição: RUS Vol. 11. Nº 17

Data: Dezembro de 2020

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2020.176643>



Nuvem de calças: apresentação e tradução anotada da segunda parte do poema

Vladimir V. Maiakóvski
Tradução de Leticia Mei*

Apresentação

* Mestra e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa, da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. <https://orcid.org/0000-0002-9315-1857>; leticiamei@usp.br

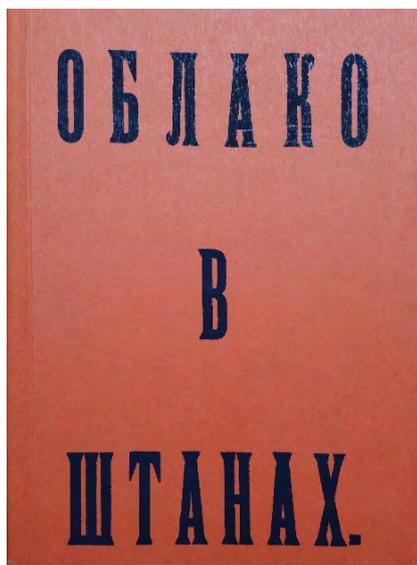
O poema *Nuvem de Calças*¹ foi composto no início de 1915, em Kuokkala, estância finlandesa frequentada por Maiakóvski e diversos artistas russos. O projeto, entretanto, datava do ano anterior, segundo a autobiografia *Eu mesmo* (1922/1928): “Início de 1914. Sinto maestria. Posso dominar um tema. Inteira-mente. Formulo a questão do tema. Um tema revolucionário. Penso em ‘Uma nuvem de calças’”.² Segundo o escritor Tchukóvski, Maiakóvski passava os dias caminhando à beira-mar compondo versos, o que é corroborado em *Eu mesmo*:

Ao anoitecer, vagueio pela praia. Escrevo a “Nuvem”. Fortaleceu-se a consciência da proximidade da revolução. [...] M. Gorki. Li para ele partes da “Nuvem”. Sensibilizado, Gorki me cobriu de lágrimas todo o colete. Comovi-o com meus versos. Fiquei um tanto orgulhoso. Logo ficou claro, porém, que Gorki chorava sobre todo colete de poeta. Assim mesmo, conservo o colete. Posso cedê-lo a alguém, para um museu de província.³

1 Esta apresentação e tradução baseiam-se em minha tese de doutorado (2020).

2 Maiakóvski, 1971, p. 95.

3 Idem, p. 96.



Capa e dedicatória
(fac-símile de 1915, edição publicada em 2015)



Censuradas, as primeiras edições saíram com seis páginas repletas de pontos. “Quando levei a obra ao censor, perguntaram-me: ‘Você quer acabar nos trabalhos forçados?!’, eu respondi: ‘De jeito nenhum, isso não faz nem um pouco meu estilo.’”⁴ O título inicial também sofreu censura: *O décimo terceiro apóstolo* foi imediatamente vetado por blasfêmia. A justificativa dos demais cortes foi a abordagem de “temas politicamente sensíveis”.⁵ Na rubrica “Con-

vocação” de sua autobiografia, Maiakóvski comenta a ação da censura: “Publiquei ‘A flauta-vértebra’ e a ‘Nuvem’. A nuvem saiu muito limpinha. A censura soprou nela. Umas seis páginas só de pontos. Daí data o meu ódio aos pontos. E às vírgulas também.”⁶

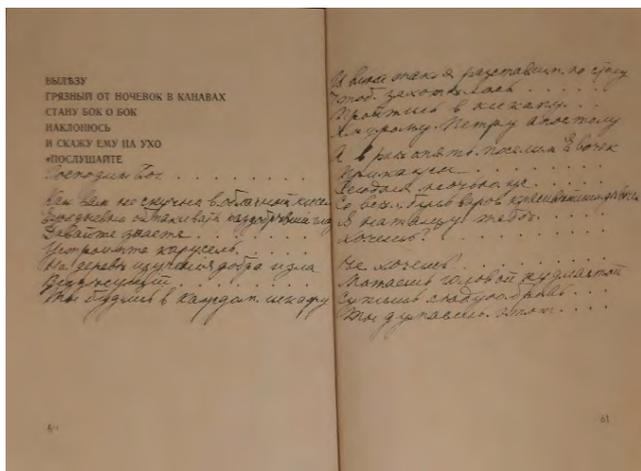
A primeira tiragem de 1050 exemplares não foi um sucesso de vendas. Somente em 1918 *Nuvem de Calças* foi publicado integralmente pela Associação da Arte Socialista, em Petrogrado, com suas quatro partes antecedidas pelo prólogo, trecho que antecipava o tom provocatório da obra.

O poema *Nuvem de Calças* reúne vertentes de uma época conturbada, em que a revolução é integrada à arte e à vida sociopolítica. O que à primeira vista parece um lamento de amor não correspondido é de fato isso e muito mais: “tornou-se uma profecia dos impactos revolucionários”. Para Vera Teriôkhina, nele Maiakóvski filia-se à tradição romântica e à rebeldia de Byron, Púchkin, Lérmontov e Heine. Trata-se de um “poema único pela concentração de forças poéticas [...] no qual já se

4 Cf. apresentação de C. Frioux. In: Maiakovski, 2000, p. 69.

5 Jangfeldt, 2010, p. 77.

6 Maiakóvski, op. cit., p. 96.



Amostra de páginas com cortes da censura (fac-símile de 1915, edição publicada em 2015)

encontram muitos desdobramentos dos futuros motivos, imagens, técnicas e trabalho vocabular.”⁷

Nuvem teve múltiplas repercussões na obra do poeta, em versos e expressões das obras ulteriores, tais como o amor roubado de *Flauta Vertebral*, o sacrifício em *Guerra e Mundo*, na autobiografia *Eu mesmo*, nos poemas “Muito bem!” e “Escutem!”, no evangelho maiakovskiano de *O Homem*, na cidade doente de *A ple-nos pulmões*, e até nos versos inacabados do fim da vida. Seus desdobramentos futuros não

impedem a mirada para o passado, sobretudo com os traços expressionistas da tragédia *Vladimir Maiakóvski*. A relação entre ambas é tão evidente que *Nuvem* foi inclusive definida, por Maiakóvski, como a “segunda tragédia”, subtítulo que acompanhou os trechos do poema publicados de fevereiro de 1915 a meados de agosto.

Não restaram manuscritos, exceto um pequeno rascunho de fragmento da última parte, e alguns versos que não foram mantidos na versão final. Como era comum à época, Maiakóvski os tinha na memória, assim como vários de seus colegas. O poema tem 724 versos, distribuídos em um prólogo e em quatro partes. Aqui proponho uma tradução da segunda parte, aquela que se volta contra a arte “envelhecida”, e na qual o poeta pede que o glorifiquem. Sua atitude é explicitamente niilista e ele fala com derrisão de livros e poetas edulcorados que cantam por inspiração a “gororoba de flores e de rouxinóis”. O poeta evoca a rua, privada da língua e os seus tipos: estudantes, prostitutas, construtores. Sua boca deve parir novas palavras que rebatizem os corpos. O panteão da literatura – Goethe, Homero, Ovídio – deve dar lugar aos novos versos. Para isso, o poeta está pronto a se sacrificar, a se oferecer à crucificação como Cristo.

Em prefácio à edição de 1918, Maiakóvski afirma que o poema é “o catecismo da arte atual”. Seu subtítulo “Tetrático” pre-

⁷ Teriôkhina, 2015, p. 33.

nuncia a divisão em quatro partes introduzidas pelo prólogo. A cada uma corresponde uma palavra de ordem: “abaixo o vosso amor”, “abaixo a vossa arte”, “abaixo o vosso sistema” e “abaixo a vossa religião” – quatro gritos, quatro partes.⁸ Esta tradução da segunda parte baseia-se no texto original disponível em três edições russas: a presente nas obras poéticas reunidas e publicadas em 2018; um fac-símile da primeira edição com os trechos suprimidos pela censura manuscritos por Lília Brik; uma edição crítica comentada mais recente.⁹ Há discrepâncias entre tais edições. A fac-símile não apresenta nenhuma pontuação, há diferenças também na estrofação, principalmente nas partes manuscritas. Nestes casos, optamos por seguir a organização da edição fac-símile, pois se aproxima mais do que concebeu o poeta originalmente, embora tenhamos acompanhado a revisão ortográfica das edições mais modernas.¹⁰ Quando há deslocamento do acento tônico usual da palavra, indicamos na transcrição do poema em russo, conforme o original. Os trechos sublinhados referem-se às supressões realizadas pela censura e foram assinalados tanto em russo, como em português.

“Abaixo a vossa arte”: tradução poética da segunda parte de *Nuvem de Calças*

Glorifiquem-me!
 Não sou páreo para os grandes.
 Sobre tudo o que foi feito
 ponho um “nihil”.

8 Cf. prefácio à segunda edição de 1918, “Долой вашу любовь!”, “Долой ваше искусство!”, “Долой ваш строй!”, “Долой вашу религию” – четыре крика четырех частей.” In: Teriôkhina, 2015, p. 33.

9 Cf. referências bibliográficas.

10 Houve uma reforma ortográfica na língua russa em 1918, com a supressão de certas letras, mudanças e simplificações ortográficas. Como o poema é de 1915, o fac-símile segue as normas da grafia pré-revolução.

Nunca mais
quero ler nada.
Livros?
Livros pra quê!

Antes achava que
livros se faziam assim:
o poeta chegava,
abria de leve a boca,
e de repente levanta o canto o inspirado tolo –
aqui está!
Mas na verdade –
antes que saia o canto
perambula longamente, todo caloso,¹¹
e em silêncio se debate no lodo do coração,
a imaginação, uma tola sardinha.¹²
Enquanto destilam,¹³ rangendo sem talento as rimas,
de amores e rouxinóis uma gororoba qualquer,
a rua crispa-se sem língua –
ela não tem como gritar nem dizer.
Das cidades, as torres de babel,
cheios de orgulho, erguemos de novo,
já deus
destrói

11 Em russo, neologismo na forma do gerúndio “размозолев” [ramozolev], formado a partir do prefixo “раз-” (ir para lados diferentes) e do adjetivo “мозольный” [mozol’nyi], “calejado, caloso”. Não conseguimos pensar em um prefixo do português que tivesse o mesmo efeito da palavra russa. Uma possibilidade seria “poli”, que denota multiplicidade, mas preferimos reforçar com o adjetivo “todo”.

12 Em russo, “вобла” [vobla], peixe de água doce da família dos ciprinídeos, cujo consumo defumado e seco ao sol é popular na Rússia. Por se tratar de um alimento corriqueiro, optamos por “sardinha”.

13 Em russo, neologismo verbal “выкипячивают” [vykipiachivaiut], formado pelo sufixo “вы-” (para fora) e pelo verbo “кипятить” [kipiatit’] (ferver). Em vez de “esferver” com o emprego do prefixo latino “es-”, optamos por “destilam” pela sonoridade.

as cidades
para transformá-las em lavra,
misturando a palavra.

A rua em silêncio o suplício arrasta.
Um grito eriçado ergueu-se na goela.
Eriçados, encalharam na garganta,
táxis¹⁴ roliços e caleches esqueléticas
o peito perpisotearam.¹⁵
Mais trivial que a tísica.

A cidade trancou o caminho com trevas.

E quando —
apesar de tudo! —
vomitou a multidão na praça,
enxotando a gentaça que pisoteou sua garganta
parecia
que nos coros dos corais do arcanjo
deus, roubado, viria castigar!

E a rua acocorou-se e pôs-se a berrar:
“Vamos encher a pança!”

Na máscara da cidade os Krupps¹⁶ e Kruppinhos
traçam ameaçadoras sobrelhas,

14 Em francês no original.

15 Em russo, neologismo verbal no passado “испешеходили” [ispeshekhodili], formado a partir do prefixo “ис-” (neste caso significa “destruição por uso ou desgaste”) e do substantivo masculino singular “пешеход” [pechekhod], “passante, pedestre”. Literalmente, “atravesado totalmente pelos passantes”. Criamos o neologismo a partir do prefixo latino “per-” (movimento através).

16 Família tradicional alemã, oriunda de Essen.

e na boca
se decompõem os cadavrezinhos¹⁷ de palavras mortas,
só duas vivem, ganhando peso –
“canalha”
e mais uma,
parece que é “sopa”.¹⁸

Os poetas,
ensopados de choro e soluço,
escapam das ruas, a cabeleira embaraçada:
“Como cantar¹⁹ com tal dupla
as damas,
e o amor,
e a florzinha orvalhada?”
E atrás dos poetas –
pessoas das ruas aos milhares:
estudantes,
prostitutas,
construtores.

Senhores!
Parem!
Vocês não são mendigos,
não têm o direito de pedir esmola!

Nós, vigorosos,
com passos de dois metros,²⁰

17 Solução para reforçar a oralidade.

18 *Borsch* no original, solução “sopa” para ganhar sonoridade.

19 No original “выпеть” [vypet’], prefixo “вы-” (para fora), “cantar para fora”, “escantar”, “exocantar”. Preferimos perder o neologismo, pois o estranhem neto em português não corresponde ao efeito em russo.

20 No original, “sajen”, antiga unidade de medida russa equivalente a pouco mais de dois metros.

não os devemos escutar, mas rasgar –
eles,
apêndices gratuitos agarrados
a cada cama de casal!

É a eles que devemos pedir com humildade?
“Ajude-me!”
Implorar por um hino,
por oratória?!
Nós mesmos somos criadores no hino incandescente:
o barulho da fábrica e do laboratório.

O que faço com Fausto,
que em desfile de foguetes
desliza com Mefistófeles no parquê do céu!
Eu sei –
ter um prego na bota
é pesadelo pior do que a fantasia de Goethe!

Eu,
da bocauríssima,²¹
que cada palavra,
redê ²² a alma à luz,
que nomeie o corpo,
eu lhes digo:
a menor partícula viva de poeira
é mais preciosa do que tudo o que farei e fiz!

21 Em russo, neologismo adjetivo no grau superlativo “златоустейший” [zlatousteichii], formado pelos substantivos “злато” (ouro) e “уст” (boca), acrescidos do sufixo superlativo “-ейш-”. Ref. São João Crisóstomo (c. 347 – 407), epíteto grego que significa “boca de ouro”, arcebispo de Constantinopla, célebre por sua eloquência e oratória.

22 Em russo, neologismo verbal “новородит” [novorodit], junção do advérbio “ново” (novamente) e do verbo “родит” (parir).

Ouçam!
Ele prega,
agita-se em lamento,
o atual labigritante²³ Zaratustra!²⁴
Nós
com o rosto, qual lençol sonolento,
com lábios flácidos, qual lustre,
nós,
condenados da cidade-leprosário
onde o ouro e a sujeira atiçaram a chaga da lepra, —
somos mais puros que o azul de Veneza,
súbito com mares e sois lavado!
Que se dane se não há
nos Homeros e Ovídios
pessoas como nós,
da fuligem às cicatrizes.
Eu sei —
o sol se apagaria no alto se visse
as pepitas de ouro de nossas almas!

Veias e músculos — são mais seguros que orações.
Por acaso devemos implorar esmolas do tempo?
Nós —
cada um —
seguramos nos cinco dedos
as universais correias de transmissão!
Isso elevou aos salões do Gólgota,²⁵

²³ Em russo, neologismo adjetivo “крикогубый” [krikogubyj], pela junção dos substantivos “крик” (grito), “губ” (lábio) e do sufixo formador de adjetivo “-ый”.

²⁴ Profeta e poeta nascido na Pérsia, provavelmente em meados do século VII a.C, fundador do Zoroastrismo. Ref. a Nietzsche e a sua obra *Assim falou Zaratustra* (1883-1885).

²⁵ Referência às apresentações de Maiakóvski na turnê dos cubofuturistas por cidades russas entre o fim de 1913 e o começo de 1914.

Petrogrado, Moscou, Odessa, Kiev,
e nem um único havia
que
não gritasse:
“Crucifique,
crucifique-o!”
Mas para mim –
as pessoas,
até as que ofenderam –
são mais caras e próximas do que tudo.

Viram
como o cão lambe a mão que o espanca?!

Eu,
alvo dos deboches da tribo atual,
como uma longa
escabrosa piada,
vejo aquele que atravessa a cordilheira temporal,
que ninguém vê.

Onde o curto olhar das pessoas termina,
na cabeça das hordas famintas,
com a coroa de espinhos da revolução
chegará 1916.²⁶

E eu, sou seu precursor, pra vocês,
estou em todo lugar, onde houver dor,
em cada gota da corrente de lágrimas
eu me crucifiquei.

Já não dá pra perdoar mais nada.

²⁶ Muitos ressaltam o caráter “premonitório” deste verso em relação à revolução.

Queimei as almas onde ternura era cultivada.
Isto é mais difícil do que tomar
mil milhares de Bastilhas.

E quando,
anunciam a sua vinda
com rebelião
sairão para receber o salvador —
eu arrancarei
suas almas,
pisotarei,
para que se torne grande! —
e lhes darei ensanguentada, como bandeira.

“Долой ваше искусство”: segunda parte em russo

Славьте меня!
Я великим не чета.
Я над всем, что сделано,
ставлю «nihil».
Никогда
ничего не хочу читать.
Книги?
Что книги!

Я раньше думал —
книги делаются так:
пришел поэт,
легко разжал уста,

и сразу запел вдохновенный простак —
пожалуйста!

А оказывается —
прежде чем начнет петься,
долго ходят, размозолев от брожения,
и тихо барахтается в тине сердца
глупая вобла воображения.
Пока выкипчивают, рифмами пиликая,
из любвей и соловьев какое-то варево,
улица корчится безъязыкая —
ей нечем кричать и разговаривать.
Городов вавилонские башни,
возгордясь, возносим снова,
а бог
города на пашни
рушит,
мешая слово.

Улица мку молча пёрла.
Крик торчком стоял из глотки.
Топорцились, застрявшие поперек горла,
пухлые taxi и костлявые пролетки
грудь испешеходили.
Чахотки плоче.

Город дорогу мраком запер

И когда —
все-таки! —
выхаркнула давку на площадь,
спихнув наступившую на горло паперть,
думалось:

в хóрах архангелова хорала
бог, ограбленный, идет карать!

А улица присела и заорала:
«Идемте жрать!»

Гримируют городу Круппы и Круппики
грозящих бровей морщъ,
а во рту
умерших слов разлагаются трупики,
только два живут, жирея –
«сволочь»
и еще какое-то,
кажется – «борщ».

Поэты,
размокшие в плаче и всхлипе,
бросились от улицы, ероша космы:
«Как двумя такими выпеть
и барышню,
и любовь,
и цветочек под росами?»
А за поэтами –
уличные тыщи:
студенты,
проститутки,
подрядчики.

Господа!
Остановитесь!
Вы не нищие,
вы не смеее просить подачки!

Нам, здоровенным,
с шаго саженьим,
надо не слушать, а рвать их —
их,
присосавшихся бесплатным приложением
к каждой двуспальной кровати!

Их ли смиренно просить:
«Помоги мне!»
Молить о гимне,
об оратории!
Мы сами творцы в горящем гимне —
шуме фабрики и лаборатории.

Что мне до Фауста,
феерией ракет
скользящего с Мефистофелем в небесном паркете!
Я знаю —
гвоздь у меня в сапоге
кошмарней, чем фантазия у Гете!

Я,
златоустейший,
чье каждое слово
душу новородит,
именинит тело,
говорю вам:
мельчайшая пылинка живого
ценнее всего, что я сделаю и сделал!

Слушайте!
Проповедует,

мечась и стень,
сегодняшнего дня крикогубый Заратустра!
Мы
с лицом, как заспанная простыня,
с губами, обвисшими, как люстра,
мы,
каторжане города-лепрозория,
где золото и грязь изъзвили проказу, —
мы чище венецианского лазорья,
морями и солнцами омытого сразу!
Плевать, что нет
у Гомеров и Овидиев
людей, как мы,
от копоты в оспе.
Я знаю —
солнце померкло б, увидев
наших душ золотые россыпи!

Жилы и мускулы — молитв верней.
Нам ли вымаливать милостей времени!
Мы —
каждый —
держим в своей пятерне
миров приводные ремни!

Это взвело на Голгофы аудиторий
Петрограда, Москвы, Одессы, Киева,
и не было ни одного,
который
не кричал бы:
«Распни,
распни его!»

Но мне —
люди,
и те, что обидели —
вы мне всего дороже и ближе.

Видели,
как собака бьющую руку лижет?!

Я,
обсмеянный у сегодняшнего племени,
как длинный
скабрезный анекдот,
вижу идущего через горы времени,
которого не видит никто.

Где глаз людей обрывается куцый,
главой голодных орд,
в терновом венце революций
грядет шестнадцатый год.

А я у вас — его предтеча;
я — где боль, везде;
на каждой капле слезовой течи
распял себя на кресте.
Уже ничего простить нельзя.
Я выжег души, где нежность растили.
Это труднее, чем взять
тысячу тысяч Бастилий!

И когда,
приход его
мятежом оглашая,

выйдете к спасителю –
вам я
душу вытащу,
растопчу,
чтоб большая! –
и окровавленную дам, как знамя.

Referências bibliográficas

- JANGFELDT, B. *La vie en jeu. Une biographie de Vladimir Maïakovski*. Paris: Albin Michel, 2010.
- MAIAKÓVSKI, V. V. "Eu mesmo". In: SCHNAIDERMAN, Boris. *A Poética de Maiakóvski*. São Paulo: Perspectiva, 1971, pp. 83-112.
- MAIAKÓVSKI, V. V. *Maiakovski. Poèmes. 1913-1930*. 5 volumes. Edição bilingue. Trad. e apresentação de Claude Frioux. Paris: L'Harmattan, 2000.
- MAIAKÓVSKI, V. V. *Oblako v Chtankh. [Nuvem de calças]*. Edição crítica comentada. Artigos. Moscou: Muzei Maïakovskogo, 2015.
- MAIAKÓVSKI, V. V. *Bolchoe sobraniie stikhotvorenii i poem v odnom tome. [Coletânea de poesia em um tomo]*. Moscou: Eksmo, 2018.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *A Poética de Maiakóvski*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- ZIMENKOV, A. P.; DIADITCHEV, V. N.; KUPTCHENKO, A. P.; MIKHALENKO, N. V.; TERIOKHNA, V. N.; UCHAKOV, A. M. *Tvortchestvo V. V. Maiakovskogo. Tekst i biografiia. [A obra de Maiakóvski. Texto e biografia]*. V. 3. Slovo i izobraieniie. Moscou: IMLI RAN, 2015.

Recebido em: 25/10/2020

Aceito em: 18/11/2020

Publicado em dezembro de 2020